

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO	19. OUT 1974	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

## A visita de Costa Gomes aos E. U. A.

# Vencida mais uma etapa no longo e duro caminho que Portugal tem de trilhar

WASHINGTON, 19. — Se a presença do general Costa Gomes no imponente Palácio de Vidro, erguido à beira do Hudson, ponto de encontro de todos os povos e de todas as nações «forum», onde se discutem todos os problemas que interessam à Humanidade, se revestiu de transcendente significado e representou o regresso de Portugal ao pleno convívio com a comunidade internacional, os dois acontecimentos registados hoje na capital federal dos Estados Unidos não tiveram menor importância e devem, é de crer, ter sido determinantes para o futuro das relações entre os dois países, o que não pode deixar de constituir, tomando em linha de conta, como é indispensável, o actual contexto internacional, factor decisivo para a solução de muitas questões que neste momento podem considerar-se de importância vital para os portugueses.

Com efeito para além do habitual aparato exterior das guardas de honra e das fanfarras, dos sorrisos de circunstância e das poses para os fotógrafos da Imprensa, para além mesmo da inegável deferência dispensada ao Presidente Português e ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, algo de muito mais importante se deve ter passado no pequeno gabinete oval da Casa Branca — onde os dois Presidentes tiveram uma «conversa privada» de três quartos de hora, na presença do dr. Mário Soares, do secretário de Estado Henry Kissinger e de um dos conselheiros da Presidência para os assuntos relativos à segurança nacional, o general

Crónica de Jorge Feio  
enviado especial de O SECULO

Brent Scowcroft — e durante o almoço de trabalho que se seguiu num dos vastos salões da Secretaria de Estado.

O ministro Mário Soares, em conversa que teve com os jornalistas, em Blair House, permitiu-nos formar uma ideia, bastante clara, quanto à transcendência das questões tratadas e, até, quanto às linhas gerais que eventualmente irão determinar a evolução das relações bilaterais entre Lisboa e Washington.

Assim, podemos informar que para além da cooperação futura entre os dois países, que não podia deixar de ser discutida, Costa Gomes teve ocasião de esclarecer «certas dúvidas» que existiriam na Casa Branca quanto à situação política em Portugal, após os acontecimentos de 28 e 29 de Setembro.

Quanto ao primeiro dos tópicos — o da cooperação — foi posto ponto final na fase preparatória das negociações que vão agora entrar no terreno mais decisivo dos contactos a nível de peritos, a quem caberá estudar as formas e modalidades concretas a que deve obedecer o auxílio económico, financeiro e técnico que o Governo português espera receber dos Estados Unidos.

O caso dos Açores, naturalmente, foi outra das questões examinadas, não porque alguma vez tenha chegado a ser posta em dúvida a utilização da base das Lajes pelos americanos — esclareceu o dr. Mário Soares —, mas porque o Governo português entende ser justo que Washington nos conceda, em troca, maiores vantagens, de molde a que, de uma renovação do acordo, seja beneficiado, sobretudo, o povo açoriano.

Foi, também, preocupação do Presidente Costa Gomes desfazer por completo todas as dúvidas que ainda pudessem subsistir no espírito de Ford ou de Kissinger, reiterando a intenção expressa no Programa do Movimento das

Forças Armadas de se construir em Portugal uma democracia pluralista.

Quanto a este ponto, foi-me dado verificar em que medida o noticiário alarmista divulgado por grande parte da Imprensa estrangeira, «por deficiência de informação ou por influência do discurso proferido pelo general Spínola, ao anunciar a sua renúncia», uma vez que dele falaram correspondentes acreditados junto da Casa Branca, foi determinante para criar dúvidas e hesitações em círculos ligados aos meios oficiais e em largos sectores da opinião pública americana. O próprio embaixador português em Washington, dr. Hal Themido, dessa lamentável atitude da Imprensa estrangeira e dos seus visíveis efeitos me falou, em curta conversa travada em Blair House.

Outro dos assuntos de que se ocuparam as duas delegações na Casa Branca e na Secretaria de Estado foi, naturalmente o processo de descolonização. Neste caso e independentemente do que é do conhecimento público, aspectos existem que, por mais melindrosos ou em fase menos próxima de resolução, pertencem ainda ao domínio privado. Sobre a evolução destes últimos, foram prestadas amplas informações ao Presidente Ford e ao dr. Kissinger, após o que os dois dirigentes americanos reafirmaram a sua concordância quanto à forma como a descolonização está a decorrer.

Segundo o dr. Mário Soares, não houve qualquer referência específica ao caso de Cabo Verde — de importância que se afigura capital para o sistema defensivo ocidental uma vez que a questão em nada se afastou da letra e do espírito do Acordo de Argel já do pleno conhecimento do Governo americano.

A propósito de descoloniza-

ção e no referente a Angola, o dr. Mário Soares garantiu que tanto o M. P. L. A. como a F. N. L. A. concordaram já, em princípio, em participar num futuro Governo Transitório.

Também o ministro dos Negócios Estrangeiros, frisando, embora o respeito que lhe merece a missão da Imprensa, lamentou a atitude alarmista de alguns jornais estrangeiros. Referiu a respeito que, na quinta-feira, no plenário da Assembleia Geral da O. N. U., teve ocasião de esclarecer observadores angolanos que se preparavam para assumir certas posições menos correctas com base, apenas nas notícias divulgadas por esses órgãos da Informação.

O Presidente Costa Gomes, que vai, agora, efectuar uma visita particular à base naval de Norfolk, a convite do comandante do SCALANT, parte hoje para Lisboa, onde chega amanhã de manhã. Entretanto, o dr. Mário Soares partiu já de Washington.

Quanto à forma como decorreram as conversações, tudo parece ter-se passado numa atmosfera de «franqueza e cordialidade», o que, só por si, pouco significado teria, como também não teria particular relevância — se outras razões não existissem para se formar um juízo mais seguro — o quadro tranquilizador que se deparou aos jornalistas que tiveram ocasião de entrar no gabinete oval da Casa Branca, onde Gerald Ford, dando a direita ao Presidente Costa Gomes e ao dr. Mário Soares e tendo sentados à sua esquerda Henry Kissinger e o general Scowcroft, trocava com eles animada conversa.

De qualquer modo, porém, seja qual for a influência futura da visita do Presidente Costa Gomes à Casa Branca, quando o Chefe do Estado Português depois da reunião caminhou ao longo da passadeira vermelha acompanhada pelo Presidente Ford, até à imponente viatura que o aguardava, ostentando as bandeiras de Portugal e dos Estados Unidos, uma nova etapa, certamente, tinha sido vencida, no caminho que Portugal terá de percorrer ao encontro do futuro.

Assim o sentiram os jornalistas portugueses que, fustigados pelo vento frio que soprava desde manhã aguardavam no vasto jardim da residência presidencial com amplos tabuleiros de relva e o perfil esguio do obelisco de George Washington a erguer-se ao fundo, o fim das conversações travadas no gabinete oval, onde tantas decisões cruciais para a História do Mundo têm já sido tomadas.